CONFLITOS E TENSÕES POLÍTICAS NO *FILOCTETES* DE SÓFOCLES

MATHEUS BARROS DA SILVA[1]

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de adentrarmos diretamente nas estruturas do *Filoctetes*, pensa-se ser importante alguma nota que contribua para a introdução de nossa problemática, e discorrer – mesmo que de forma breve – sobre os significados e sentidos que o trágico assumia no pensamento grego no V século.

A tragédia é produto da pólis clássica, constitui-se como expressão do universo cultural políade. A tragédia liga-se à cidade, integrando o calendário de celebrações cívico-religiosas, apresentando-se assim como uma instituição da própria pólis (Vernant, 2011: 3).

Desta forma, ir ao teatro se apresentava como ação singular dos cidadãos da pólis. Ao contrário do que há hoje em dia, onde podemos escolher, mediante gostos subjetivos, uma peça dentre tantas a assistir, para os gregos a ida ao teatro constituía um momento preciso dentro do complexo de festas em honra ao deus Dioniso. A própria tragédia quando representada tinha como público um contingente de homens que lá estavam mediados por sua condição de cidadão (Meier, 1992: 13).

Com efeito, os autores de tragédias buscavam alcançar seu público a partir de uma linguagem simbólica, mas ambos os extremos do discurso – autor/público – dividiam o estatuto citadino. Assim, o tragediógrafo escreve como cidadão que se dirige a cidadãos (Romilly, 1999: 17). Por meio da linguagem distanciadora do mito, a tragédia toma como matéria o universo político, social e jurídico que se apresenta nascente e em processo de instituição na cidade clássica (Vernant, 2011: 4):

> A tragédia grega é uma arte em forma de poesia. Para analisar uma tragédia, sugerimos compreendê-la como uma mensagem a ser decodificada. A temática e questões apresentadas pelos poetas evidenciam estar relacionadas a acontecimentos próprios da pólis dos atenienses do período clássico. Na arte e ofício de poeta trágico, ele não está obrigado a expressar a verdade dos acontecimentos, porém, a sua criação, por mais livre que seja, está relacionada à sociedade à qual está inserido, ou seja, ao seu tempo cultural (Candido; Cornelli, 2009: 47).

O que surge no trágico é o triunfo dos valores na nova cidade isonômica, distanciando-se assim, da poesia lírica arcaica, por exemplo, onde o herói e suas ações são vistos como paradigmas.

[1] Mestrando em História Antiga na Universidade Federal de Pelotas.

Uma vez que o pensamento trágico coloca justamente este herói e estas ações como problemáticas, o desfecho da trama se coaduna com o referencial democrático (Vernant; Vidal-Naquet, 2011: 23).

Assim, compreendemos a tragédia como instituição cívica, que se acopla ao complexo geral da Paideia grega, levando a cidade a um momento de reflexão sobre seus próprios ideais. Também reflexão sobre as condutas e, por conseguinte, sobre o que deve preservar ou o que deve ver-se livre (Segal, 1991: 194). Tomando a cidade, ou melhor, o universo mental da pólis, cada tragédia através de sua linguagem própria e tento o mito como fundo leva à cena no teatro de Dioniso um debate acerca de temáticas contemporâneas, como, por exemplo, o campo do político, ética e moral.

A função educacional e formativa da tragédia coloca sob discussão o ethos arcaico aristocrático da honra pessoal. O espetáculo trágico procura reexaminar tais formas de agir mediante as necessidades que a cidade democrática estabelece, ou seja, valores do compromisso coletivo que busca a εὐνομία (boa ordem). Buscando criar um espírito comunitário seja no teatro ou na cidade (Segal, 1991: 195). Em suma, o autor de tragédia, a partir de sua obra e ofício, assume a figura de um instrutor cívico, construindo um fundo que tem como finalidade uma Paideia para os cidadãos que assistem (Candido; Cornelli, 2009: 49).

O que pretendemos na presente comunicação é criar uma zona de problematização acerca do *Filoctetes* de Sófocles, procurando articular o que foi dito anteriormente – a tragédia como expressão cultural de seu momento e elemento da Paideia grega – em relação às estruturas do próprio texto de Sófocles, perscrutando os sentidos e significados que poderíamos extrair da citada obra a partir do movimento que nos propomos.

UM OLHAR SOBRE *FILOCTETES*

O drama *Filoctetes* foi encenado em Atenas, no ano de 409, vencendo as Dionisíacas daquela ocasião. Com esta informação podemos ter em mente que a peça tocou de forma sensível os cidadãos atenienses, que no teatro estavam reunidos. O *Filoctetes* é a tragédia de um homem abandonado – Filoctetes –, esquecido por seus pares e deixado para trás sem consideração alguma, apenas lembrado quando a conveniência urge.

A ação da obra circula entre a tensão e antagonismo de três figuras fundamentais em cena: Odisseu e Filoctetes, que se repelem um ou outro, e o jovem Neoptólemo, filho de Aquiles, que ora é atraído para esfera do primeiro, ora deixa-se levar para o lado do segundo. É na correlação destes personagens que a ação trágica se consubstancia (Ferreira, 1987: 16).

O argumento geral da peça pode ser resumido da seguinte maneira: Filoctetes fora abandonado por Odisseu e os atridas – na ilha deserta de Lemnos –, quando da expedição à Tróia. Passados dez anos, sem que a guerra chegue ao fim, os gregos tornam-se cientes – por predição oracular – de que só vencerão quando Filoctetes estiver novamente nas fileiras dos helenos. Assim, partem para Lemnos, Odisseu e Neoptólemo, a fim de convencerem o homem, rejeitado de outrora, a tomar sua posição no exército aqueu. Tem-se aí o começo da ação da peça.

Sófocles, a partir de uma apropriação de uma lenda épica, constrói seu *Filoctetes* como uma tragédia do agir, da escolha como problema (Segal, 1991: 197). Tudo gira em torno da questão fundamental: de que forma se convencerá Filoctetes de seu necessário retorno? Deste modo, o poeta coloca na boca Odisseu e Neoptólemo argumentos e proposições que engendram práticas completamente diferentes entre si. Podemos ver tal contraposição nos seguintes versos:

> **Od.** Filho de Aquiles, é preciso para o que vieste
> que sejas nobre, não só de corpo […]
> De Filoctetes tu precisas
> a alma roubar palavras proferindo […]
> Por isso é preciso nisso mesmo seres astucioso […]
> **Ne.** As palavras que me afligem ouvir,
> filho de Laertes, também detesto praticá-las,
> pois eu não fui feito para praticar nenhum artifício sórdido […]
> Mas estou pronto a levar o homem à força
> e não com astúcias […]
> Por que é preferível leva-lo pela astúcia a convencê-lo? (vv. 50-102).

Esta seleção de versos é parte do debate entre Odisseu e Neoptólemo acerca de como proceder na busca do final que almejam. Sófocles deixa mostrar no diálogo que elabora um forte questionamento sobre de que forma os homens devem organizar o convívio público (Candido; Cornelli, 2009: 56). O historiador do pensamento grego Werner Jaeger, apresenta Sófocles como o autor que buscou delinear a partir de, e em suas obras, formas e comportamentos humanos de elevado valor, coadunados com os valores da cidade clássica (Jaeger, 1995: 54). Naqueles versos são articulados os conceitos de βία (força), δόλος (astúcia enganadora) e πειθώ (persuasão pelo debate), formas de conduta que são problematizadas e que devem ser examinadas mediante suas capacidades de organizar o espaço social.

Este debate parece permitir enviarmo-nos ao universo intelectual da pólis. Na cidade clássica, o debate entre as variadas vozes que compunham o corpo cívico se entrecruzam no espaço público, local em que o λόγος (discurso político) assume sua função política e de ferramenta de persuasão em um jogo dialógico (Vernant, 2013: 38). Através deste tipo de palavra, uma palavra-política se

assim podemos dizer, deveria se chegar a decisões sobre as necessidades da pólis (Finley, 1988: 37).

Por outro lado, e recordando ser cada tragédia uma forma de expressão cultural de seu próprio momento de encenação, podemos refletir – de forma breve – sobre a Atenas do período do *Filoctetes* (409 a. C.). Sófocles pode ser visto como testemunha da história ateniense no V século a. C. Era um jovem cidadão quando do momento inicial do poderio de sua cidade (a vitória grega em Salamina no ano de 480), e estava vivo para amargar os dias difíceis que trouxe a guerra contra Esparta. Também, testemunhou o golpe oligárquico de 411 a. C., quando se deu a suspensão da condição de cidadania daqueles cidadãos mais pobres (Zelenak, 1998: 112). Com efeito, pensamos observar o *Filoctetes* como uma tragédia síntese das problemáticas e debates que Atenas enfrentava naquele final de século (Candido; Cornelli, 2009: 54).

A Atenas deste fim do V século é uma pólis em crise. A cidade havia criado um grande poder sobre o restante do Egeu e, pelas contradições internas a todo processo histórico, estava agora conhecendo o fim daquilo que muitas vezes se convenciona chamar imperialismo ateniense. Esta crise se alastra por variados setores da vida de Atenas. No plano político e social identifica-se neste momento um forte movimento daqueles grupos aristocráticos que, nunca tendo aceitado o compromisso democrático, surgiam na cena a elaborar meios de sublevar o regime de Atenas. Pois, foi justamente uma ação aristocrata que desencadeou o golpe oligárquico mencionado antes (Candido; Cornelli, 2009: 57).

A esta altura Atenas é um universo efervescente, grupos se defrontam na discussão sobre quem doravante seria visto como cidadão. É verossímil que tal debate se fizesse sentir de forma indelével naquele momento, pois o que se discute é, de fato, a natureza da participação e a prática política, e como e quais grupos poderiam integrar este jogo. Neste sentido, cremos poder ressaltar um aspecto na estrutura do *Filoctetes*.

Mencionamos anteriormente que a obra de Sófocles nos introduz um homem abandonado, que vive por dez anos isolado do convívio humano, mas uma necessidade coloca sua reinserção no mundo humano como condição *sine qua non*. É urgente que isso se realize. O isolamento de Filoctetes é constantemente mencionado através da descrição da ilha de Lemnos, lugar ermo, hostil à vida humana, e por homem algum jamais pisada. Na própria figura de Filoctetes pode-se observar algo análogo, pois ele é descrito como um ser "ἀπηγριωμένος" (vv. 226) (asselvajado). Do mesmo modo, aparece como "ἄφιλον, ἔρημον, ἄπολιν, ἐν ζῶσιν νεκρόν" (vv. 1018) ("um homem sem amigos, sem cidade, um cadáver entre os vivos").

A Filoctetes pouco resta de sua condição humana; ele habita espaço a meio caminho da humanidade e bestialidade. Todavia, busca o contato humano, deseja o retorno para seu lar, e

quando entra em contato com outro homem, que é grego – Neoptólemo – saúda e emociona-se diante da fala grega e de uma companhia (vv. 234-237). Mas, de fato, a vontade de Filoctetes é não voltar a combater ao lado do exército grego, seu desejo é o caminho para sua casa, e acaba descurando do projeto coletivo (vv. 1238). Diante disto, Neoptólemo lhe dirige:

> **Ne.** Aos homens a sorte dada
> pelos deuses é necessário suportar.
> Mas a quantos que por vontade própria estão em aflições,
> como tu, a esses nem é justo que se tenha
> indulgência nem que alguém os lamente.
> Tu te tornaste selvagem, e não acolhes um conselheiro,
> e se alguém te adverte falando com benevolência,
> odeias como a um inimigo, considerando-o um opositor (vv. 1316- 1323).

A postura tácita e inflexível de Filoctetes é reprovada e, cometendo um excesso, de forma desmedida incorre na ὕβρις (insolência), algo condenável no pensamento grego. O retorno de Filoctetes é problemático, gera um debate. Com Odisseu seu convencimento só poderia ser realizado através de mentiras. Por seu turno, Neoptólemo vê que só a persuasão pelos argumentos claros pode solucionar o caso. Assim, a cena do Filoctetes se converte em algo análogo a uma praça pública, debatendo-se meios de agir, as tensões que ocupam lugar na ação da obra lembram as mesmas tensões e conflitos políticos que se realizavam no jogo político da pólis.

A peça encerra com a intervenção da divindade, Héracles:

> **He.** E a ti, filho de Aquiles, o seguinte aconselharei, pois nem tu sem ele és forte
> para capturar a planície de Tróia nem ele sem ti,
> mais igual a dois leões aliados vigiai,
>
> ele a ti e tu a ele (vv. 1433-1437).

O que se vê é que pela anunciação da divindade, tanto Filoctetes, como Neoptólemo são integrados no mundo dos homens, no mundo da política. Na intervenção de Héracles nota-se que Filoctetes deve ceder às palavras de Neoptólemo e pela ordem que a divindade[2] traz novamente ao mundo humano vê-se o triunfo do bom convívio entre os cidadãos. Neoptólemo parece realizar uma função de mediador na reinserção de Filoctetes na vida coletiva, promovendo assim o ethos da cidade democrática. Para Pierre Vidal-Naquet, o Héracles que aparece em cena, não é o arqueiro caçador, o Héracles matador de feras indômitas. Mas ao contrário, é um Héracles

[2] Mesmo que não constitua o problema central de nosso texto, pensamos ser importante um comentário sobre a questão da divindade. A questão do oráculo é um tema que também circula nas estruturas do *Filoctetes*. Tanto Odisseu, quanto Filoctetes creem agir com piedade para com os deuses, cada uma a sua maneira. Assim, o debate oracular gira em torno das complexas relações que as personagens da peça travam com o plano do extra-humano. Ainda, a evocação do deus no prólogo da peça, bem como sua aparição ao final, trazendo a ordem, mostraria que por parte de Sófocles as mãos divinas estão no leme dos acontecimentos (PULQUÉRIO, 1968: 114).

hoplita, e sua ordem aos dois heróis, que lutem lado a lado, cuidando um do outro, recorda o juramento do jovem hoplita, nunca abandonar seu companheiro (Vidal-Naquet, 2011: 139). Em suma, crê-se que seja possível fazer uma leitura do *Filoctetes* e destes aspectos em específico de forma a interpretá-la como uma tragédia que procura mostrar o lugar e compromisso que cada cidadão deve manter com sua pólis, ou seja, com o espirito comunitário. Deste modo, em uma Atenas que se vê conturbada, mesmo em estágio de conflito civil, Sófocles em seu *Filoctetes* aparece como poeta-instrutor, que pela imagem do mito promove valores da pólis clássica, em outras palavras, há um destaque piedoso ao convívio comum, bem como, a inserção dos humanos na vida coletiva é um ideal que deve se manter presente para que a cidade se mantenha longe dos perigos da sedição, da desordem interna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Candido, M. R. y Cornelli, G. (2009). "A Arte e Ofício do Poeta Trágico" en Lessa, F. S. y Silva, A. C. L. F. (org). *História e Trabalho: entre artes e ofício.* Rio de Janeiro: Mauad X.

Ferreira, J. R. (1987). *O Filoctetes em Sófocles e Heiner Müller.* Coimbra: Faculdade de Letras.

Finley, M. I. (1988). *Democracia Antiga e Moderna.* Rio de Janeiro: Graal.

Jaeger, W. (1995). *Paidéia: a formação do homem grego.* São Paulo: Martins Fontes.

Meier, C. (1992). *La Tragédie Grecque comme Art Politique.* Paris: Les Belles Lettres.

Pulquério, M. O. (1968). *A Problemática da Tragédia Sofocliana.* Coimbra: Faculdade de Letras.

Romilly, J. (1999). *A Tragédia Grega.* Lisboa: Edições 70.

Segal, C. "O Ouvinte e o Espectador" en Vernant, J. P. (org) (1991). *O Homem Grego.* Lisboa: Presença.

Sófocles. *Filoctetes*. (2008). Tradução, introdução e notas Fernando Brandão dos Santos. São Paulo: Odysseus.

Vernant, J. (2013). *As Origens do Pensamento Grego.* Rio de Janeiro: Difel.

Vernant, J.P y Vidal-Naquet, P. (2011). *Mito e Tragédia na Grécia Antiga.* São Paulo: Perspectiva.

Zelenak, M. X. (1998). *Gender and Politics in Greek Tragedy.* New York: Peter Long Publishing.